

O ORIENTADOR EDUCACIONAL CRÍTICO E REFLEXIVO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Marcelize Carvalho Fabrício¹
Viviane Maciel Machado Maurenre²

INTRODUÇÃO

Na escrita deste resumo surge a oportunidade de apresentar o relato de experiência do I Café Pedagógico proporcionado a um grupo de orientadoras educacionais: quatro orientadoras da rede municipal de educação e uma da rede estadual, do município de Xangri-lá-RS.

Este encontro foi realizado de forma presencial, utilizando como procedimento metodológico, o círculo de cultura de Paulo Freire, onde as orientadoras educacionais tiveram a oportunidade de trazer relatos sobre as suas vivências no cotidiano escolar, a partir da realidade vivida e leitura de mundo que cada uma faz sobre a sua própria prática.

Objetivou-se a partir deste encontro refletir sobre a atuação do orientador educacional, no desenvolvimento do seu trabalho, como forma de produzir práticas que favoreçam processos de reflexão, dialogicidade e escuta no ambiente escolar, desenvolvendo uma orientação educacional que através da problematização das suas vivências, promova espaços de reflexão e transformação da própria prática.

METODOLOGIA

A pesquisadora utilizou como metodologia do I Café Pedagógico, a observação participante, de forma a registrar detalhadamente, todos os relatos realizados pelo grupo e os círculos de cultura, como espaço de diálogo e problematização da prática.

Conforme Dionne (1999) a observação participante, leva em consideração, várias facetas de uma situação, sem isolar umas das outras, pode-se entrar em contato com os comportamentos reais dos atores, com os diferentes comportamentos verbalizados pelo grupo observado.

¹Mestranda da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, marcelize-fabricio@uergs.edu.br;

²Orientadora: Profª Dra. Viviane Maciel Machado Maurenre da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, viviane-maurenre@uergs.edu.br.

O círculo de cultura como procedimento metodológico, segundo Aguiar (2014) é o diálogo, é a pronúncia do mundo, ou seja, é o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo.

O ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem [...], o círculo se constitui em um grupo de trabalho e debate, que tem como interesse central, o debate da linguagem, no contexto de uma prática social livre e crítica. (FREIRE, 2015, p.10).

Entendemos que conciliar o pensamento Freireano, os círculos de cultura e a orientação educacional pode nos trazer um novo horizonte, no qual não trabalhamos somente para nos adaptar ao que é imposto, mas ensinarmos a pensar uma maneira de transformar a realidade, nos apoiando coletivamente, com respeito ao outro e com liberdade da palavra.

Quando Freire (1996) diz “sei que as coisas podem até piorar, mas também é possível intervir para melhorá-las”. É com muita esperança que reafirmo que entendo a orientação educacional como um caminho de muitas possibilidades, onde os círculos de cultura podem ser utilizados como uma estratégia para novos hábitos e valores às relações entre as pessoas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atual literatura sobre a prática reflexiva na educação e também em outras profissões nos diz que a reflexão é um processo que ocorre antes e depois da ação e, em certa medida durante a ação, pois os educadores têm conversas reflexivas com as situações que estão a praticar, enquadrando e resolvendo problemas. Shon (1997) chamou de reflexão na ação, os profissionais reflexivos que examinam o seu ensino tanto na ação como sobre ela.

Os professores que não refletem sobre o seu ensino aceitam naturalmente a realidade cotidiana das escolas, e concentram os seus esforços na procura dos meios mais eficazes e eficientes para atingirem os seus objetivos para encontrarem soluções para problemas que os outros definiram no seu lugar. (KENNETH, 1993, p.19).

Precisamos promover e incentivar práticas de diálogo nas escolas, pois promover o diálogo é promover a democracia. É ir além de dar vozes à orientação educacional, é incentivá-las a ter a liberdade da palavra.

Busca-se aqui um novo olhar sobre os velhos conflitos, busca-se um esforço na tentativa de encontrar soluções humanizadas e que nos permitam entrar em contato com a nossa condição humana. A partir deste entendimento, que através do I Café Pedagógico, procura-se oportunizar momentos de troca de conhecimentos entre as orientadoras educacionais que atuam em diferentes contextos e diferentes faixas etárias, mas que por vezes compartilham desafios diários comuns.

Oportunizar momentos de troca e construção de conhecimento, num processo de reflexão sobre a ação enfatiza a construção coletiva de saberes, tanto para dentro, para sua própria prática, como para fora, para as condições sociais nas quais se situa essa prática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O momento de reflexão entre o grupo de orientadoras educacionais da rede municipal e estadual do município de Xangri-lá/RS, teve início, sugerindo que trouxessem como disparadores do diálogo, o que é mais urgente no cotidiano da escola, e entre essas urgências especificassem quais foram os maiores desafios.

Reforço que não há obrigatoriedade em trazer o seu relato e que quem quisesse poderia participar como ouvinte, explico que este momento foi pensado para que pudéssemos juntas refletir sobre estratégias de enfrentamento aos desafios da nossa profissão, assim como compartilhar com as contribuições de cada realidade escolar.

Para iniciar explico o objetivo do café e abro para que todas que desejarem possam contribuir, para minha surpresa todas estavam desejosas desse momento e relataram muitas situações do ambiente escolar. A troca entre estado e município foi de extrema importância para perceberem que os desafios são semelhantes e a importância da troca de conhecimentos.

Cada tarefa dos profissionais da escola é inserida em um projeto coletivo, onde as atividades específicas se articulam com o todo, caracterizado por objetivos e finalidades comuns da escola. Não há separação entre as partes identificando cada setor como o que detém um saber específico que vai permitir o controle sobre os demais. O que vemos e temos são espaços diferenciados que formam o conjunto, que seja qual for a sua estrutura, é feito pela interação de nós, elos, pontes que se cruzam e entrelaçam. (GRINSPUN, 2001, p. 47).

Ninguém na escola é dono de alguma área, mas sim todos são protagonistas, cada um desempenha e tem funções relativas à área que se formou, seja qual for a sua função dentro da escola, cada um tem a sua especificidade sem perder de vista que a escola é um projeto coletivo Grinspun (2001).

A forma como as cadeiras foram dispostas em formato de círculo, permitiu que ficássemos próximas, uma de frente para outra. E o diálogo remado a um gostoso café deu um tom de informalidade e proximidade ao grupo.

Nos relatos das orientadoras, o orientador é visto como o profissional que “apaga incêndios” na escola, o que segundo elas, não sobra tempo para desenvolvimento de projetos e de um olhar mais atento às especificidades dos alunos.

A orientação educacional exerce um importante papel na mediação de conflitos no sentido de que estes possam ser regidos de forma positiva, sendo percebidos como uma oportunidade de crescimento para os indivíduos envolvidos e para o grupo social em que estão inseridos. Muitos problemas da escola podem ser resolvidos da melhor maneira quando, por exemplo, os alunos são ouvidos e convidados a participar da construção de normas. (LENZ, 2019, p. 572).

A orientadora A relata que a orientação depende muito do trabalho em parceria com as famílias, para que levem aos especialistas que a criança necessita. E se a família não encaminha para os atendimentos necessários à orientação educacional se sente impotente. A orientadora B relata se sentir sem respaldo frente às situações enfrentadas, está sempre na linha de frente e muitas vezes sozinha.

A orientação hoje está mobilizada com outros fatores, que não apenas e unicamente cuidar e ajudar os alunos com problemas. Há, portanto, necessidade de nos inserirmos em uma nova abordagem de orientação, voltada para a construção de um cidadão que esteja mais comprometido com o seu tempo e sua gente. Pretende-se trabalhar com o aluno no desenvolvimento do seu processo de cidadania, trabalhando a subjetividade e a intersubjetividade, obtidas através do diálogo nas relações estabelecidas. (GRINSPUN, 1994, p.13).

Há na escola, segundo a orientadora C, um conflito enorme de atribuições, principalmente sobre os problemas de indisciplina, agressividade, intolerância e bullying, sendo necessário um trabalho contínuo que ajude os alunos a lidarem com essas situações.

Em muitas escolas, segundo a orientadora D, a orientação é vista como telefonista, onde tudo e qualquer coisa que precise chamar a família é atribuição da orientação educacional.

Ao final do café a orientadora B sugere mais encontros, que sejam contínuos, no mínimo a cada trinta dias, pois segundo ela, essas trocam aliviam o coração e o que dá certo na escola da colega pode ser que dê certo na minha escola também, por isso precisamos desses momentos para compartilhar.

A prática docente necessita de reflexões constantes sobre o trabalho que é desenvolvido pelo professor, à luz de estudos, leituras e conhecimentos dos resultados de pesquisas. Nesse sentido, o papel crítico-reflexivo do professor deve estar presente no desenvolvimento profissional, pois com elas os professores têm a oportunidade de ressignificar sua prática docente. (TEIXEIRA, 2020, p.8).

A prática de todos os profissionais implicados no processo educativo necessita de constantes reflexões, pois se deseja uma escola reflexiva, não podemos pensar somente no professor, ele sozinho não tornará uma escola reflexiva e sim a coletividade, todos os profissionais que estão envolvidos diretamente no processo educativo: Orientador educacional, Supervisor educacional, gestão da escola e demais funcionários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência nos deixa com o coração cheio de vontade de proporcionar mais um Café Pedagógico, devido às manifestações positivas verbalizadas pelo grupo de orientadoras educacionais, que se sentiram ouvidas e respeitadas na individualidade de cada uma.

Poder ter atendido momentaneamente a uma demanda que para elas era tão urgente e ao mesmo tempo tão distante, organizar um encontro sem um tema específico, um momento apenas para que pudessem falar e trocar experiências, foi extremamente motivador, dada a riqueza de construções que realizamos juntas e que ainda podem realizar.

A demanda de atendimentos na escola aumenta diariamente, as orientadoras relatam que não conseguem dar conta de tudo que chega, as situações vivenciadas às afetam muito, os relatos, as vivências dos alunos, dos profissionais e das famílias.

Junto às orientadoras, percebemos a necessidade de proporcionar cada vez mais esses espaços de escuta, nas reuniões pedagógicas a orientação educacional não tem espaço para ser ouvida e sim para ouvir os professores que também chegam com as suas angústias, mas isso precisa mudar e talvez esse seja o primeiro passo, para que outras orientadoras, também possam se encorajar na construção desses espaços.

Quando Paulo Freire (1996, p.52) diz: “sei que as coisas podem até piorar, mas também é possível intervir para melhorá-las”. É com muita esperança que reafirmo que entendo a Orientação Educacional como um caminho de muitas possibilidades, especialmente na mediação, com foco na escuta do outro, na liberdade da palavra, promovendo a autonomia e auxiliando na capacidade de se relacionar consigo mesmo e com o outro.

Palavras-chave: Orientação Educacional; Círculo de cultura, Prática reflexiva.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A.A.D. As meninas de costas: análise do currículo de educação física e a construção da identidade feminina. (Dissertação de mestrado) São Paulo. Universidade Nove de Julho, 2014.

DIONNE, Christian Laville Jean. A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Ed. Artmed, 1999.

FREIRE. P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: obra digitalizada, formatada e revisada pelo Coletivo Sabotagem, 1996.

GRINSPUN, Mírian P. S. A orientação educacional: Conflitos de paradigmas e alternativas para a escola. Ed. Cortez, 2001.

KENNETH, M. Zeichner. A Formação reflexiva de professores: ideias e práticas. Lisboa: ed. Educa 1993.

LENZ, Adriana Janice; VIEGAS, Moacir Fernando. A mediação de conflitos na educação numa perspectiva dialética e a prática da orientadora educacional. Revista on-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 23, n. 3, 561 - 575, set./dez., 2019.

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. Texto extraído de: NÒVOA, Antônio. Os professores e sua formação. 3ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997.